

Lurdes Pintasilgo à rádio espanhola

“Não me tira o sono a crítica que me é feita”

«Não me afecta, não me preocupa e não me tira o sono a crítica que me é feita de eu ser uma pessoa «engagée», uma pessoa empenhada na vida social», afirmou Maria de Lurdes Pintasilgo, numa entrevista ontem concedida, em directo, à Rádio Nacional de Espanha.

«As críticas que me são imputadas decorrem, afinal, de eu ser uma pessoa deste século», acrescentou a primeiro-ministro. Nesta linha de pensamento considerou que as críticas significam que ela é uma pessoa «prova perante Portugal, perante a Europa, perante as outras nações europeias e tanto quanto é capaz, profundamente universal».

«A crítica fundamental que me é feita», dissera, «entretanto, é o facto de eu não ser incolor, de não ser uma pessoa de quem não se saiba nada, inclusivamente a crítica de que sou uma pessoa que faz coisas. Pois, seria bastante triste que um primeiro-ministro, mesmo por 100 dias, não fosse uma pessoa com alguma cor, com algum sentido de força, de vitalidade, de desejo de realizar alguma transformação — que isso é o sentido próprio da gestão das coisas políticas. Queria dizer que alguns rótulos que, em Portugal, algumas forças políticas lançam — numa atitude talvez precipitada que julgo se devem mudar porque carecem de total fundamento — só deixam mal colocadas as pessoas de notável inteligência que os formulam».

Não me afecta a crítica de ser pessoa «engagée»

Ainda a propósito, noutra fase das declarações, Lurdes Pintasilgo afirmou:

«Não me cabe julgar o comportamento dos vários partidos; cabe-me dizer que, pessoalmente, não me afecta, não me preocupa e não me tira o sono a crítica que me é feita de eu ser uma pessoa «engagée», uma pessoa empenhada na vida social. Não estaria aqui, não teria aceite esta função se sentisse que a não era. Mas o que me preocupa — isso sim é muito sério e penso que é um trabalho cultural (...) — e que os nossos povos, portugueses e espanhóis, não sejam intoxicados com os rótulos que, com muita frequência — talvez ainda vestígios de tempos inquisitoriais —, se queimam as pessoas e se as fazem arder na praça pública. Julgo que o povo tem de ser digno de mais respeito; a informação que é dada ao povo tem de ser uma informação objectiva. Só me preocupam as vozes dissonantes neste sentido».

A primeiro-ministro teve também ocasião de se pronunciar sobre o horizonte limitado do seu Governo e na perspectiva — como lhe foi apontado — de não se dar o caso de os 100 dias serem simbólicos como a situação bíblica: sete vezes sete!...

«Para mim, os 100 dias, quero pensá-los como um horizonte limitado. Isso significa uma tarefa muito grande, mas uma tarefa de onde poderá brotar talvez uma criatividade. E já que falarem na Bíblia, digo que vejo este tempo como um tempo que virá abrir caminho aos que vierem a seguir. Estou e estarei até ao limite que for necessário dos 100 dias: partirei deixando a coisa política no caminho, tanto quanto for capaz, para quem vier a seguir».

